JORNAL da ANE
Associação Nacional de Escritores
ANO XIII, nº 97, outubro/novembro 2019

# QUANDO A MÚSICA TOCA MAIS ALTO

*Vera Lúcia de Oliveira*

O livro *Pepino de alumínio* (Rio de Janeiro: Topbooks, 2018), do escritor coreano Kang Byoung Yoong, é um livro diferente. Estranho mesmo, a começar pelo título, que espanta o leitor, pois não sugere nada conhecido. Mas é por ser estranho que se revela intrigante. Apresenta como personagens centrais o menino gago Choi Vitório, no limite da normalidade psíquica, que apanha até não poder mais, mas resiste passivamente, deixando um mal-estar no ar; e ainda o roqueiro superstar Viktor Tsoi, figura histórica, que, ao morrer, torna-se uma lenda na Rússia e cujo túmulo é lugar de peregrinação por jovens e especialmente por uma fã, Olga, que sequer o conhecera, que toca violão e tem mau cheiro. Que gente é essa?

O autor, ao compor a sua narrativa engenhosa, como se fosse uma antiga fita cassete com lados A e B, e ainda faixas ocultas, cruzou dois destinos: no momento exato em que morria na Rússia o famoso roqueiro de origem coreana Viktor Tsoi (1962-1990), nascia em Seul, República da Coreia, o menino Choi Vitório. Era o dia 15 de agosto. O menino coreano, que se diz um nerd, passa a infância sendo espancado pela gangue dos "espíritos de porco", como ele a chamava. Bullying. É revoltante ouvir Vitório chamar a si mesmo de "asfalto", pois era como ele ficava depois das surras intermináveis, surrealistas. Ele e o único amigo, Jeon, que fazia cegonhas de papel, eram diferentes e excluídos. Por que Vitório não reclamava ou denunciava os agressores? Tinha alguma deficiência? Sentia prazer em ser humilhado e castigado a esse ponto? (Seria uma metáfora para as invasões e domínio sofrido pelo povo coreano ao longo de sua história, uma vez que o narrador sempre reporta ao domínio japonês no século 19?)

Continuação na página 5

# AH, SE CHOVESSE!

*Bernardo Élis*

Levantei-me do tamborete, tomei a toalha de rosto, sacudi com ela o ar estagnado e morno do quarto abafado, tornei a sentar-me e voltei à leitura.

– Que diabo! Vamos ver se esses demônios me deixam em paz! Pela vigésima vez espantava aquela mosca de minha cabeça. Era por isso que não compreendia nada da leitura; inconscientemente tinha a atenção voltada para a mosca. Assim era impossível compreender o que lia. Teria que recomeçar o capítulo, cerca de dez páginas perdidas.

Iniciei a leitura, mas eis novamente a mosca na minha cabeça, passeando pesada, lerda, as patas duras fazendo uma cócega dos trezentos no couro quase cabeludo se não fosse a ameaça de calvície.

– Zut, – sacudi novamente a toalha e fiquei esperando, mas a mosca não voltou logo e me conservei de atalaia, aguardando que ela pousasse. Porém, não pousava, talvez por capricho, e meus olhos foram seguindo as linhas do livro onde havia muita coisa interessante nova para mim, mal grado já as haver lido. Quando dei por fé, foi com a mosca outra vez passeando no mesmíssimo lugar de há pouco.

– Será possível que esse bicho não me deixa em paz, gente! Que coisa! E como é que não percebo quando pousa, quando se aproxima?!

Novas sacudidelas de toalha pelo quarto, a torto e a direito; e dessa vez milhares de moscas zumbiram, numa revoada soturna e bêbada, descrevendo ziguezagues doidos no ambiente sufocante do quarto. O melhor seria fechar a janela; mas isso era impraticável. O calor assava, um calor parado, úmido como o das sementes em germinação. Caíram, é verdade, já algumas chuvas boas naquele começo de águas. Havia, porém, uns três dias que estiara e nenhum pinguinho d'água escorria das nuvens grossas que empapuçavam o céu.

Fui até à janela. A noite estava escura, cheia de nuvens grossas, esgarçadas, roçando o cocuruto dos morrotes do horizonte. O mato recortava-se além e por trás dele subiam vozes guturais de curiangos arrepiantes, que enrouqueciam a paralisia cósmica e tornavam o universo ainda mais misterioso, mais impenetrável. Relâmpagos e trovões incertos agonizavam na fímbria do horizonte.

– Talvez chovesse. Tomara que chova! Acabaria o calor, sumir-se-iam as moscas, desanuviar-se-ia o ambiente. Haveria mudança independente da vontade pessoal.

Naquele instante sentia uma necessidade quase orgânica de chuva, na esperança de que ela viesse solver todos os meus problemas físicos e morais. Seria uma redenção, seria o início de nova era, de novo mundo. Seria um outro nascimento para mim, para o mundo, para os homens que morrem de fadiga e tédio nos panoramas confinados e nos pequenos enganos.

Pensando desse jeito, voltei ao livro, não mais com a mesma disposição anterior, pois me preocupava a expectativa de que a mosca voltasse a pousar na minha cabeça. Tinha a impressão enganosa de que ela se aproximava e já estava passeando nos meus cabelos. Elas, agora, entretanto, procuravam as mãos, meus pés, meu rosto, meu nariz. Permaneci quieto, experimentando suportar o suplício; andavam pachorrentamente, fazendo-me uma gastura dos diabos; depois resolviam dar umas corridinhas para em seguida aquietarem-se num ponto qualquer.

Continuação na página 3

# UMA VOZ AO LONGE

*Manoel Hygino*

Para os que residem em Belo Horizonte, um bom dia especialmente para meditar. É dedicado à Assunção de Nossa Senhora, embora não poucos aproveitam o ensejo para encerrar a semana, no que passou a ser apelidado de Feriadão, a que os brasileiros são tão afeitos.

Pois eu me valho de mensagem enviada em 17 de outubro de 2018, via e-mail, assinada pelo jornalista e escritor Emanuel Medeiros Vieira. Falecido em 29 do mês passado, natural de Santa Catarina e formado em Direito, começou a escrever aos 14 anos, lançando mais de 25 obras, na maioria romances ("Olhos azuis; ao sul do efêmero"); vencedor de prêmio da União Brasileira de Escritores, chegou a ser indicado pela Writers and Artists Association ao Nobel.

Não participo de sua ideologia política, mas não posso deixar de elogiar sua produção literária e sua lhana conduta com os colegas de profissão. Preso pela ditadura, sofreu muito e, ao final da vida, foi vítima de um câncer de próstata.

Na data referida inicialmente, mandou-me mensagem: "sem confetes, tua coluna é um verdadeiro roteiro humanístico e como estamos precisando desse tipo de postura nestes tempos! Vá em frente. És a voz de muitos que não têm voz! Meus cumprimentos!".

Continuação na página 6

# A GEOGRAFIA USADA POR ESCRITORES (1)

*Aldo Paviani*

É comum na literatura brasileira e mesmo de outros países, encontrar-se rica toponímia ao desenrolar do texto. São feitas referências a lugares, regiões, países e territórios ao longo de obras, poesias e contos de escritores conhecidos. Será interessante examinar a geografia adotada por alguns autores que nela sedimentam toda a lógica dos respectivos escritos. Também há interesse em se entender a realidade e as circunstâncias do território descrito, oferecendo a possibilidade de acompanhar o desenrolar de análises e tramas nas descrições, onde a geografia pode ter destaque para a obra. A escolha que realizei foi aleatória, com escritor ao alcance da mão.

Inicio com o notável escritor italiano Umberto Eco. A obra traduzida para o português em 2013 é emblemática para os propósitos deste ensaio: *História das terras e lugares lendários,* da Editora Record. Ricamente ilustrada, a obra é um primor quanto às referências bem-dispostas por Umberto Eco, inclusive com mapas e uma interpretação dos hemisférios terrestres, com idade superior a 600 anos, tidos como "uma forma ingênua e convencional de projeção cartográfica". Os mapas são, na visão de hoje, esquemáticos. Os geógrafos ou cartógrafos do medievo (que não foram identificados por Eco) nos mostram os hemisférios circundados por mares, ilhas, rios e identificados, em latim, nos países existentes até hoje – França, Bélgica, Albânia e, com destaque, Ásia Maior, Líbia e África. Logicamente, são traços rudimentares representando rios, as montanhas como serrilhados e localizando mares interiores. As ilustrações da obra de Eco são coloridas, possuindo outros mapas do medievo com pinturas antigas (representações religiosas e dos costumes antigos), que podem ser indicados nos quinze capítulos do livro de Eco, um dos quais revela, por exemplo, nos capítulos um e dois o teor do que vai abordar, respectivamente: "A Terra plana e os antípodas" e "As terras da Bíblia". Para não alongar esse texto, deixo que a curiosidade leve o leitor à obra clássica de Umberto Eco. Todavia, finalizo com os lugares da mitologia grega. Eco nos remete a "Homero e as Sete Maravilhas"; no Capitulo 3: "Ática, o Olimpo, os rios, os lagos, as florestas, o mar", todos na mesma obra. E uma associação curiosa para quem nos deixou um legado épico da antiguidade clássica grega (mais de 800 anos a.C.). Segundo Humberto Eco: Homero "imaginou o Olimpo habitado pelos deuses, espelhos d'água, e montanhas povoadas por ninfas: as Oréades, nas montanhas, as Dríades, nas plantas, as Hidríades, nas águas, as Nereidas, no mar, as Creneidas e as Pegeias, nas fontes, e as ninfas celestes, como as Plêiades." Como se observa, a *História das Terras...* nos entranha no mundo antigo no qual a geografia não é apenas dos lugares, mas dos conteúdos dele que, hoje, se diria há um conteúdo ambiental porque os clássicos observavam a Natureza e o Cosmo. É fascinante que, passados milênios da história humana, Umberto Eco pesquise e registre a soma de lugares que nos fazem chegar ao mundo tal como ele é hoje. Esse mundo habitado só existe porque a história se amalgamou à geografia de todos os tempos, de tal modo que mesmo terras descobertas há mais de 500 anos, sejam o que são pela sedimentação dos períodos históricos precedentes registrados por escritores, por historiadores, cartógrafos e geógrafos ao longo dos séculos.

# A MANHÃ

*Gaudêncio de Carvalho*

Se prefiro a janela aberta?
Sim. A noite lá fora nunca me ofendeu,
nem com sua frialdade, nem com o seu escuro.

Ah, depois! Depois!
Vinhos nas taças de cristais do céu,
para as mulheres das nuvens.

Rosas e safiras no céu,
para as mulheres das nuvens.
E, assim, se vai aquecendo a manhã.

## Soneto do Mês

# LIÇÃO ERRADA

*Henrique Castriciano*

... E o Sábio disse: "Meus senhores, esta
mulher que vemos sobre a laje fria
foi como a noite vinda após um dia
de cerração, num ermo de floresta.

Seus olhos, verdes como a verde giesta,
tinham brilhos de fúnebre ardentia,
fosforescentes como a pedraria
de um colar de princesa em régia festa.

Não teve coração!" E nisto, o Sábio
rasgou-lhe o seio e... recuou... Seu lábio
contraiu-se num riso estranho e lento...

No seio havia um coração partido,
morto de amor, de lágrimas ungido
e lacerado pelo sofrimento.

(Seleção de Napoleão Valadares)

Associação Nacional de Escritores
www.anenet.com.br
SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

**29ª DIRETORIA**
2019-2021
**Presidente:** Fabio de Sousa Coutinho
**1° Vice-Presidente:** Roberto Nogueira Ferreira
**2° Vice-Presidente:** Edmílson Caminha
**Secretária-Geral:** Sônia Helena
**1º Secretário:** Jolimar Corrêa Pinto
**2ª Secretária:** Noélia Ribeiro

**1° Tesoureiro:** Salomão Sousa
**2° Tesoureiro:** Ariovaldo Pereira de Souza
**Diretor de Biblioteca:** Gilmar Duarte Rocha
**Diretora de Cursos:** Kátia Luzia Lima Ferreira
**Diretora de Divulgação:** Vera Lúcia de Oliveira
**Diretor de Edições:** Afonso Ligório
**Conselho Administrativo e Fiscal:** Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 97 – outubro/novembro 2019

**Editor**
*Afonso Ligório Pires de Carvalho*
(Reg. FENAJ nº 286)

**Conselho Editorial**
*Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, Edmílson Caminha e Fabio de Sousa Coutinho*

**Revisão**
*Napoleão Valadares*

**Diagramação**
*Bruno Eustáquio*

**Impressão:** *Editora Otimismo Ltda.*
*SIBS Qd. 3 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante - Brasília - DF - CEP: 71736-303*
*(61) 98625-2636 / 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com*

**Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.**

# AH, SE CHOVESSE!

*Bernardo Élis*

Continuação da página 1

Uma me percorreu o pescoço, foi até a orelha direita, desceu até a gola do pijama, tornou a subir. Contornou o pescoço até a orelha esquerda e aí se demorou por muito tempo. Os músculos atrofiados do corpo, que não obedecem à vontade, parece queriam estremecer, minha força de domínio chegou a um ponto em que não mais sentia o contato das patas do inseto na pele; meu corpo dissolvera-se. A isso seguiu-se uma sensação de que milhares de formigas me picassem, que uma comichão diabólica, de repente, me tomasse o corpo todo.

Mas a mosca ia-se movendo para a testa, descia pelo nariz, em cuja venta permaneceu por alguns segundos eternos. Nisso, outra me pousou no queixo. Era mais leve e mais esperta que a anterior. Rápida, subiu, transpôs-me a boca, atravessou o bigode e ferrou a mutuca com a outra, mesmo na porta de minha narina. Uma convulsão retesou meus músculos e meti uma tapa na cara derrubando ambas sobre a mesa. Elas amavam na minha venta, que pouca vergonha!

Ali estavam os dois cadáveres. Um, que devia ser o macho: pequeno, leve, ainda movia as patas e batia inutilmente uma asa; outro, devia ser a fêmea. Era grande, volumoso, negro; do ventre brancacento, por efeito da tapa, expelia-se uma matéria purulenta e pastosa. Esta última jazia de costas, e vez por outra as patas se contraíam.

Aliviou-me em parte aquela destruição de duas vidas; abandonei os defuntos, indo para a cama.

Ao procurar o comutador da lâmpada para apagá-la, milhares de moscas esvoaçaram. Então notei que os fios elétricos pendentes do teto estavam repletos desses insetos. Bichos fornidos, bem alimentados, gordos e pesados. Também no teto havia grande quantidade, a maioria em via de reprodução, com os ventres transparentes de ovos. Espantadas, enchiam o ambiente de zumbidos graves, riscando o espaço com traços cambaleantes, em busca de pousada mais segura. Ou então se engalfinhavam em amores violentos, de que resultariam milhares de outros insetos para infeccionar os esgotos, as latrinas, os pântanos, as charqueadas.

Moscas que pousam nas frutas podres, nas carniças, nos escarros, nas perebas de Mané Macutena, morfético e louco, que mora na rua da palha.

O camarada de meu pai foi encontrado baleado no rancho, às dez horas da manhã, manhã de novembro quente e clara. Quando arrebentaram a porta, saiu de dentro um enxame de moscas lerdas e pesadas. O povo invadiu o quarto, com os insetos batendo-lhes no rosto, nas mãos, no peito, embaraçando-se nos cabelos. O delegado engoliu uma mosca e voltou para vomitar atrás do rancho. As moscas passeavam pelo sangue coalhado do peito do camarada, andavam no rosto amarelo e balofo, entravam-lhe na boca aberta, no nariz, nos ouvidos.

Como aquelas, moscas apalermadas esvoaçavam na taberna de seu Constantino, no balcão sebento de suor, nas bandas de toucinho empacotadas nos cantos, nos tabuleiros de pé-de-moleque cobertos com toalhas de algodão, nos cuspos esparramados dos bêbados, nos copos sujos de cachaça.

As moscas passeavam nas mãos podres e inchadas do camarada de meu pai.

Uma filha de Constantino se casou. Enfeitaram a casa com flores de sabugueiro, que tem cheiro de anjinho e vela benta. Enquanto estavam na sala, a cabeça do noivo se cobria de moscas e ele não se incomodava, não as espantava, continuando a falar, a rir, a mover-se, com a cabeça raspada que era a pura mosca. Será que não as sentia? Será que era um defunto, um homem empalhado? Na sala havia o cheiro aquecido das flores de sabugueiro misturado com o cheiro úmido da pinga fermentada que vazava da vendola ao lado.

Não me lembra quando fechara a lâmpada, mas o ruído azoinante das moscas alvorotadas continuava a povoar o quarto. Uma ainda tropeçou no meu rosto e suas pernas provocaram náuseas, cócegas, repulsa nojenta.

Aos poucos, o ruído pegajoso foi morrendo: elas se assentavam nos fios, nos móveis, na minha coberta, no guarda-roupa, no teto, nas cuecas e lenços sujos amontoados no canto do quarto; na toalha suja e enxumbrada, nas meias, nos restos de doces e biscoitos caídos no soalho.

Um alívio bom soprou do retângulo opaco da janela aberta; veio vindo de longe, de esquecidas origens, do mato incompreendido e sempre amigo, onde se abriam grandes flores, onde luziam pirilampos humildes e simples – vaga-lumes líricos. A noite agitada de nuvens se entornava no quarto, entorpecedoramente.

Os meninos, no meu tempo, perseguiam vaga-lumes nas ruas escuras:

*"Vaga-lume, cai, cai,*
*na cabeça de seu pai*
*sua mãe e-vém*
*para te pegá."*

Luzindo nas cercas de são-caetano, nos paus podres, nas folhas longínquas das árvores. Bem que eu os queria pegar, pôr num vidrinho vazio de remédio e fazer assim uma lanterna que alumiasse estradas batidas de matas imensas, onde árvores colossais derrubavam sombras frescas sobre regatos mansos; em que borboletas esvoaçavam e rolinhas bebiam água pelos meios-dias quentes. Mas os homens começavam a derrubar as árvores. As pancadas dos machados ferozes reboavam, ecoando dentro da floresta, espantando as borboletas, as rolinhas e sujando a água do córrego. Já não era mais barulho de machado: serravam desesperadamente as árvores.

Houve algum tempo de descanso, para depois o ruído irritante das serras principiar a roer o ermo. Agucei o ouvido, mas o ruído era quase imperceptível. Não se podia localizar; seria certamente um rato. Ratos sempre existem, e eu não tinha nada com eles. Poderia no muito estar roendo o soalho. Pois roesse; roesse a casa toda, roesse o mundo, roesse o céu, nada disso era meu e portanto que fosse para o diabo.

Podia ser também algum besouro passeando sobre papéis; nessa quadra de começo de águas, milhares de insetos nascem do pó e invadem as habitações.

Mas o bicho roía o breu imperiosamente, indefectivelmente, sem permitir que eu desviasse dele minha atenção, angustiando-me por não poder fixá-lo melhor.

Acendi a lâmpada.

Uma barata grande roía um pedaço de papelão na mesa.

– Desgraçada! – Tomei o chinelo e – paf! – Ela se escapuliu, metendo-se atrás dos livros, daquela pilha imensa de livros que não agradava remover no momento.

Voltei para a cama e fiquei de espreita, a luz acesa, aguardando que ela tornasse a roer o petisco. Seria até bom permanecer com o chinelo em punho.

Longe, galos cantavam. Muitos galos, claros e frios, de vozes translúcidas e coloridas. O calor abrandara e um ventinho pegou a bulir com as folhas das árvores lá fora, num barulho inocento e velho. Discerni um levíssimo raspar de lixa. A barata ia saindo desconfiada e temerosa de entre os livros, os dois ferrões tateando o ambiente que nem duas antenas. Veio vindo, veio vindo, desceu a mesa e ficou assim perto da cama, trocando os ferrões, fazendo mil e um movimentos e caretas com as mandíbulas de um brilho molhado, como se me estivesse observando. Depois ergueu-se nas patas traseiras e com as dianteiras limpava a cabeça, em gestos cômicos de animal de circo.

De onde estava, ainda não a podia alcançar, e qualquer movimento poderia espantá-la. Tinha que permanecer hirto, examinando-o; nisto, aproximou-se mais de mim a sem-vergonha. "Ah, não tinha receio de morrer!"

Deixasse que ela se aproximasse mais um pouco, só mais um pouquinho. Não queria perder, por nada, meu novo golpe. "Calma, calma. Agora!"

Meti-lhe o chinelo. A barata virou a barriga para cima e ficou agitando as patas trôpegas, tentando, debalde, recuperar o equilíbrio e o uso da locomoção. Podia muito bem repetir o golpe e espatifá-la; mas não o fiz. Preferi deixá-la aleijada e trêmula no soalho, onde descrevia círculos, arrastando-se penosamente de costas, numa luta vã para virar-se.

Por esse tempo, já o fretenir de mil moscas enchia o quarto; e a mesma – certamente a mesmíssima dona mosca, lerda, prenhe, pesada, desgraçada –, passeava-me enervantemente pelo couro cabeludo.

Abri a porta, dei um pontapé na barata que desapareceu na noite, e fechei novamente a porta; a seguir apaguei a luz e pus-me a escutar os pipilos dos primeiros bem-te-vis e passo-pretos anunciadores do dia, daquele dia que seria cheio de moscas, cheio de grilos, de formigas, de besouros, de baratas, se as sarjetas não gorgolejassem com o caudal refrigerante das enxurradas.

# FOME

*Adriano Espínola*

Se tens fome de madrugada,
toma uma folha de papel em branco
e nela sorve em silêncio
com volúpia o nada
que te espanta e consome.

Se ali encontrares outra coisa
ao despontar o dia
(o pão ainda fresco do sonho,
a palavra que amadureceu de repente
ou os gomos abertos do sol),

chama-me depressa,
porque também tenho fome –
tenho essa mesma fome que não sacia.

# IV CONCURSO DE ENSAIOS DE LITERATURA COREANA, EM BRASÍLIA

Na foto, a Srª. Minkyung Shin (Jazmin), do LTI Korea, a associada Ana Maria Lopes, que entrevistou o Autor, o Presidente da ANE, Fabio de Sousa Coutinho, Kang Byoung Yoong, e a intérprete, Profª. Jang Kim (Sandra).

A ANE sediou, no último dia 10 de setembro, o evento de abertura da quarta edição anual do Concurso de Ensaios de Literatura Coreana, em Brasília, com apresentação do escritor Kang Byoung Yoong, autor de *Pepino de Alumínio*, livro escolhido pelo LTI Korea para ser objeto dos textos concorrentes, nas duas categorias (Ensino Médio e Livre) de participação.

# CASA DAS PALAVRAS *

*Fabio de Sousa Coutinho*

Na dúplice condição de Presidente da Associação Nacional de Escritores-ANE e da Academia Brasiliense de Letras-ABrL, duas das entidades mais tradicionais e relevantes no segmento cultural da Capital da República, não posso (e não devo) ficar alheio à ameaça de suspensão que ora sofre um programa literário da qualidade e da profundidade intelectual do Casa das Palavras, da TV Câmara

Tenho especial orgulho de já haver participado do referido programa, em mais de uma ocasião, com resultados nitidamente favoráveis ao crescimento mental de seus telespectadores, a partir e por força de uma elaborada agenda de entrevistas, sempre conduzidas com rigor científico e precisão técnica.

Fica muito claro, para o signatário destas linhas, que, não obstante reconhecer a necessidade de corte de despesas em amplos setores do serviço público, a pretendida economia deveria passar bem longe de programas e atividades que contribuem, invariavelmente, para tornar a cidadania brasileira mais culta e, via de consequência, mais educada. Tal é, a meu sentir, o caso do valoroso e indispensável Casa das Palavras, cuja manutenção no ar é imperativo civilizatório, máxime em tempos tão acentuadamente difíceis e trevosos como os que hoje se escancaram em nossos horizontes.

*Manifestação do Presidente da ANE em face da ameaça de suspensão do programa Casa das Palavras, dirigido pelo associado Paulo José Cunha

# AVE, LINGUAGEM VIVA!

*Roberto Nogueira Ferreira*

Três acontecimentos históricos fazem do segundo semestre de 1989 um período especial.

No dia 3 de junho, o mundo assistiu pela TV o célebre e doloroso Massacre na Praça da Paz Celestial, centro da cidade de Pequim. O fechado governo chinês iniciara o processo de abertura, mas a lentidão nas reformas desagradava à população, pois seu efeito na economia resultara em inflação e desemprego. O início da liberdade estimulou movimentos operários e estudantis. A ocupação da Praça, por ironia "Celestial", despertou o que sempre desperta nos autoritários, qual seja, o relativismo da democracia trouxe para a Praça tanques e armamentos que mataram milhares de civis, embora a conta nunca tenha sido apresentada.

No dia 9 de novembro, a TV nos mostrou a queda do muro de Berlim. Que dividia a Alemanha em duas, separava pais de filhos e filhos de mães e netos de avós. A política não entende e continua não entendendo que o amor filial, maternal, familiar, enfim, que o amor está acima de sentimentos medíocres, perversos, impessoais, que os detentores dos poderes, ainda que "podres poderes", cultivam e têm como prática quase religiosa.

Mas nada supera 3 de junho. Naquele dia, como escreviam os "antigos", do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1989, a TV não mostrou o nascimento, não em Berlim ou Pequim, mas na cidade de Piracicaba, Estado de São Paulo, Brasil, por obra de Deus e do Homem – "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce" – disse Fernando Pessoa, por inspiração de Adriano Nogueira e Rosani Abou Adal, o agora trintão *LINGUAGEM VIVA*, símbolo de resistência.

*Linguagem Viva* não veio para massacrar excluídos, nem para unificar separados. Como toda publicação literária certamente veio para incomodar, para incitar, para militar no sempre combatido, perseguido e ameaçado – pelos autoritários de todas as eras – mundo cultural e literário.

O mundo continua murado, muros físicos e não físicos, legais, sociais, políticos, coloniais. Cerceando a literatura há muros de todas as espécies, a impor restrições e a ameaçar censuras. Visíveis e invisíveis eles estão aí, patrocinados pela ignorância que dá poder a uns poucos e exclui o resto. Lembremo-nos, entretanto, de Paulo César Pinheiro: "Se um muro separa, uma ponte une".

Enquanto houver seres humanos como Adriano Nogueira – sobre ele diria Guimarães Rosa, não morreu, ficou encantado – e Rosani Abou Adal, podermos continuar acreditando que a humanidade tem salvação.

Reverenciá-los, pois, e à sua obra, mais que dever é prazer, mais que obrigação é oração.

Contra a ignorância, receito doses diárias de militância. E coragem!

AVE, Linguagem Viva!

# QUANDO A MÚSICA TOCA MAIS ALTO

*Vera Lúcia de Oliveira*

Continuação da página 1

Pois bem, a infância dolorosa desse menino deixa um gosto amargo na boca do leitor. Mas tudo vai mudar quando ele descobre a música, ainda que por um caminho torto. Como maldade e castigo infligido a ele pela gangue dos espíritos de porco, seus algozes, Vitório vê-se obrigado a cantar uma canção russa. Como assim? Ele desconhecia a música ou qualquer outra coisa que fosse da Rússia. Depois de muito procurar, e ajudado pela prima "Salvadora", ele descobre a música da banda Kino, do lendário Viktor Tsoi. E sua vida começa a mudar. E a narrativa muda também, cresce com a personagem que vai ganhando novos contornos, com traços fortes, virando outra. A música toca profundamente o coração e a alma do agora adolescente Vitório, ocorrendo uma espécie de epifania em todo o seu ser de menino solitário. A música de Viktor Tsoi e a bela "Orchid", da banda inglesa Black Sabbath, dão um novo sentido à sua vida.

Essa música russa, que tocou mais em seu coração que em seus ouvidos, com a força das palavras melancólicas e inspiradas, na poderosíssima voz de Viktor Tsoi, ocupou o vazio deixado pelas perdas dolorosas e trouxe esperança ao menino. Foi salvo pela beleza e poesia.

E os caminhos se cruzam E os fatos se repetem. Melhor, se duplicam: acontecem simultaneamente na Rússia e na Coreia, numa sincronicidade só explicada pelos mistérios do destino. E, como foi observado na quarta capa do livro, dois destinos são semeados em lugares diferentes como a fita de Moebius.

Assim, concluída a leitura, uma vez explicado o título *Pepino de alumínio,* esse livro original, cheio de humor, fina ironia e leveza, revela-se político, humano, encantador, pleno de esperança. Com a palavra, o autor: "O que eu quero mostrar, paradoxalmente, é que o ser humano deve sempre ter esperança, até nas situações mais difíceis. E dizer que, mesmo sem conseguir realizar agora os sonhos, sempre há possibilidade de realizá-los numa próxima etapa, ou em outro lugar."

Merece atenção, ainda, a excelente tradução de Woo Young-Sun, conhecedora profunda dos dois idiomas que lhe são caros, o coreano pátrio, e o português, por adoção e vínculos afetivos.

# REMINISCÊNCIAS

*Ariovaldo Pereira de Souza*

O ano de mil novecentos e setenta e três foi um ano marcante para este quase brasiliense. São as reminiscências ali plantadas, como se o destino já estivesse traçado àqueles que aportaram aqui nesta cidade, onde tiveram reservado o berço maternal da "Capital da Esperança". Para que este espaço de tempo não seja suplantado pela sombra do esquecimento, se tornou um imperativo escrever estas simples reminiscências. Numa ligeira retrospectiva, registram-se fatos curiosos para nós que aqui chegamos. Em período de escassez de chuva – era o mês de maio – pairavam neste céu de Brasília as nuvens de poeira da estiagem, ainda que o mais comum era ser esta capital iluminada fortemente pelo sol durante o ano inteiro; era a estiagem da época que se estendia pelo maior período do ano, não obstante um céu azul como poucas vezes se via alhures. A secura do tempo misturava-se às pessoas nas ruas; a claridade do dia deixava à mostra os contornos da arquitetura da capital marcada por ângulos. As árvores perdiam as folhas arrastadas pelo vento que varria a cidade. No céu, muita poeira irritava os olhos e a garganta com leves fissuras na pele e nos lábios, sobretudo naqueles recém-chegados e ainda não aclimatados. Todos eram assim levados à sensação de observar a cidade; parece que o astral da capital da república estava de mudança; algumas árvores trocavam as folhas por flores; e os ipês espalhados na extensão do Eixão coloriam a cidade, em virtude do estresse provocado pela ausência de água. Os ipês, como hoje, perdiam as folhas, davam lugar a uma bela floração – roxas, rosas, brancas e amarelas – que encantavam pela beleza e pelo colorido que contrastavam com os dias de céu intensamente azul. Brasília, por sua vez, é bom lembrar, é a cidade com maior quantidade de árvores nas vias públicas por habitante no Brasil. Muitos diziam – o que até agora não entendemos – que as pessoas recém-chegadas a Brasília deveriam passar pelos infalíveis 3D, ou seja: deslumbramento, desilusão e desencanto, ou coisa assim, isso, porém, não era a regra, pois deslizava para folclore.

Nosso encontro com Brasília trouxe-nos outra realidade: testemunhamos entusiasmo e alegria nas pessoas, gestos traduzidos em liberdade e harmonia; gente procedente de todos os quadrantes de nossa pátria.

# O ALGARVE É AZUL

*Sônia Helena*

O Algarve é azul!
Azul no céu, de um azul como nunca.
Azul no mar, de tantas tonalidades
cambiantes com o sol, vários tons a cada hora,
mas sempre em tons de azul.
Azul nas embarcações, nos cascos,
nas velas, nos mastros,
azul nas suas coberturas,
azul nos toldos do cais.
Nos detalhes das fachadas,
nas portas e nos portais,
janelas, muradas, beirais,
todos com muito azul.
O Algarve é azul
nos letreiros, nas vitrines,
nos detalhes e nos gerais.
No Algarve, a estrela-do-mar
teria surgido antes;
o pequenino grão de areia
nem precisava sonhar.
Teria encontrado a estrela
a cada dia, a cada hora,
sempre que lhe aprouvesse,
pois no Algarve céu e mar
se misturam,
são um só.
Se o céu é o mar de Brasília
no Algarve os dois são um.
Ou o céu mergulha no mar
ou o mar eleva-se ao céu.
Certo é que se abraçam sempre.
Quando um termina o outro já começou,
numa perfeita fusão de azul, sempre de azul.
Nem as manhãs de abril
da minha Velha Goiás,
que a minha mãe apreciava
por serem as mais belas do ano,
pois ela dizia sempre
que essas manhãs surgiam
quando as nuvens já haviam
derramado suas lágrimas
de chuva a lavar o céu,
deixando-lhe o azul mais limpo,
nem elas...
O Algarve é azul!

Tavira, 6/19

# O CONCERTO DE ARANJUEZ

*Renato Sampaio*

Na história da música, o século XX haverá de ser lembrado como aquele em que o violão ascendeu ao topo da pirâmide em que reinavam os que lá chegaram antes dele: os demais instrumentos de concerto, protagonistas, durante séculos, da grande música executada nos palcos deste mundo. Conquanto as primeiras músicas escritas para violão tenham aparecido há quase 500 anos – são de autoria de Luys Milán que, em 1535, publicou na Espanha a primeira obra importante do gênero –, somente a partir do século XVII compositores como Gaspar Sanz, Robert de Visée, Mauro Giuliani, Fernando Carulli, Matteo Carcassi, Dionísio Aguado, Fernando Sor, Nicolo Paganini, para citar apenas esses, alargariam em definitivo o repertório do instrumento.

(Paganini, por exemplo, cujo nome evoca por inteiro o violino, além de notável executante do violão, chegou a compor mais de uma centena de peças para o instrumento, dentre as quais 28 duetos para violão e violino, 4 trios com cordas e 9 quartetos para violão e cordas.)

Circunscrito, durante longo período, a apenas três países – Espanha, França e Itália, graças a Francisco Tárrega (1852-1909), intérprete e compositor espanhol, tal instrumento receberia, ainda ao final do século XIX, o grande impulso que lhe possibilitaria chegar aonde chegou. (Tárrega é considerado o pai da escola moderna do violão.)

Na etapa seguinte, já na primeira quadra do século XX, começam a aparecer na América Latina os primeiros compositores que também deixariam seus nomes ligados ao instrumento, com destaque para o brasileiro Villa-Lobos e o paraguaio Agustin Barrios, autores de obra consistente, superior, fadada à perenidade.

Villa-Lobos, além do pioneirismo na utilização de uma gama muito ampla de variações rítmicas e harmônicas, incorporando ao violão avanços técnicos bem à frente do seu tempo. Agustin Barrios, a par da técnica bastante evoluída, ainda que apoiada numa linguagem harmônica tradicional, traduzindo a alma latino americana em pautas marcadas por forte exuberância e musicalidade.

Europeus, latino-americanos, brasileiros, todos eles formando ampla constelação de compositores, na qual também se incluem Napoleon Coste, Manuel de Falla, Miguel Llobet, Moreno-Torroba, Manoel Ponce, Castelnuo-vo-Tedesco, Alexandre Tansmann, Joaquín Turina, Emílio Pujol. Sem falar de Antonio Lauro, Leo Brouwer, Theodoro Nogueira Francisco Mignone, Radamés Gnattali, Elmer Bernstein e outros mais recentes.

Villa-Lobos à parte – por ter sido o gênio que ele foi –, dois europeus, em particular, haveriam de ocupar no século XX a primazia que é a deles no mundo do violão: os espanhóis Andrés Segovia e Joaquín Rodrigo; o primeiro como intérprete, o outro como compositor.

Andrés Segovia (1893-1987) é por muitos considerado a estrela de maior brilho na linhagem dos grandes intérpretes que marcaram o século XX. Senhor de um estilo solene, pessoal, clássico por excelência – mestre, além do mais, de sucessivas gerações que dariam curso ao seu legado –, graças a Segovia os grandes palcos do seu tempo começaram a se abrir para o violão. Plateias numerosas, em todos os continentes, se reuniam para ouvi-lo; atraídos por ele, os maiores compositores passaram a compor para o violão.

No universo da música, a simples evocação de seu nome o associa de imediato ao instrumento que tocava, tal como também acontece, entre seus contemporâneos, com Pablo Casals e o violoncelo, Rubinstein e o piano, Heifetz e o violino.

Joaquín Rodrigo (1901-1997), cego aos três anos de idade, é autor de extensa obra violonística apoiada em uma configuração estética refinada e cheia de luz, cujo imenso poder de sedução tem sido uma de suas marcas mais fortes.

Fruto das diferentes manifestações culturais do seu país, a música de Rodrigo, como bem demonstra o seu *Concierto de Aranjuez*, penetra, seduz, enleva os que a ouvem com evocações de otimismo e elegância, signos, por assim dizer, que constituem uma das principais marcas do compositor.

Situada a 40 quilômetros de Madri, Aranjuez, pequena cidade cultivada pela antiga realeza espanhola, abriga imponente palácio construído a partir do século XVI e alguns dos mais belos jardins europeus. Poetizados por Rodrigo numa alegoria musical de gênio, esses jardins, segundo alguns críticos, aparecem no seu concerto transfigurados em verdadeiros símbolos da unidade nacional; símbolos, que permitiram ao compositor promover a metáfora da recomposição do seu país, à época fragmentado pela guerra civil.

Composto em Paris, em 1939, tal concerto, escrito para violão e orquestra, compõe-se de três movimentos apoiados em linhas rítmicas e melódicas nas quais se percebe a influência da música flamenga. No primeiro deles, *alegro com spirito*, Rodrigo descreve os jardins de Aranjuez em figurações cobertas de luz e de encantamento; essa luz que, mesmo ausente de seus olhos, ele consegue recriar numa sucessão de quadros onde transitam fontes, brisas, evocações; a vida, enfim, jorrando em profusão.

Em seguida, surge o *adágio* sob a forma de uma melodia romântica há muito consagrada como uma das páginas de maior apelo de todo o repertório universal do violão. Trecho que, segundo Mario Garcia Guillén, um dos conhecedores da obra de Rodrigo, "traz a evocação da paisagem, não a paisagem solitária, mas aquela que se faz a dois, de mãos dadas, caminhando entre bruxos, flores, perfumes à luz branda do entardecer".

Após, o concerto finaliza com um *alegro gentile* escrito com graça e desenvoltura, essas duas damas sem as quais tal música não se identificaria tão a fundo com a própria alma da Espanha, que transita por todo o Aranjuez entre o violão e a orquestra.

Tocado pela primeira vez em 1940, em Barcelona, pelo violonista espanhol Regino Sainz de la Mazza, o Concerto de Aranjuez, nos anos seguintes, além de ganhar um sem-número de gravações, foi interpretado por quase todos os grandes violonistas do século XX. (A grande exceção corre por conta de Andrés Segovia, que, por razões desconhecidas, não o incluiu em seu repertório.)

Cores interpretativas as mais diversas, que variam do refinamento à eloquencia, da graça à sedução, do vigor à delicadeza, da beleza à própria beleza, podem ser encontradas em muitas dessas gravações. De Julian Bream a John Williams, de Pepe a Angel Romero, de Lagoya a Turíbio Santos, de Narciso Yepes a Yamashita, de Söllscher a David Russel, de Manuel Barrueco a Christopher Parkening – para citar apenas alguns intérpretes –, numa sequência que tem sido renovada de geração em geração.

Retornemos, no entanto, a Andrés Segovia. Ao início da década de 50 – alguns anos, portanto, após o Aranjuez –, Rodrigo, a pedido do próprio violonista, compôs para ele outra de suas obras-primas, a célebre *Fantasia para un gentilhombre*, também um concerto para violão e orquestra.

E foi Segovia, como seria natural, que estreou esse concerto, gravando-o com tamanho envolvimento que, ainda hoje, sua interpretação permanece como uma das preferidas entre as muitas que tal música mereceu. O que, de alguma maneira – na hipótese de contrapormos um brevíssimo *se* ao curso da história –, permite-nos concluir que o grande mestre, caso tivesse desejado, poderia ter sido, no século XX, o intérprete ideal do Concerto de Aranjuez. Alguém duvidaria?

# UMA VOZ AO LONGE

*Manoel Hygino*

Continuação da página 1

Escreveu-me: o que é verdade? Essa pergunta também foi feita a Jesus, durante o seu "julgamento". A realidade é difícil? Os fatos são dolorosos? Então, muda-se o conceito e abandona-se a verdade. Num exemplo muito prosaico, "vendedores" viram "consultores" – consultores de perfume e de tudo. É o reino do eufemismo!

Onde prevalece a propaganda, o mercantilismo, cerveja virou algo intrinsecamente ligada às festas de São João, tão enraizadas no Nordeste. Forrozeiros autênticos são abandonados pelos "sertanejos universitários" – que praga! Já não basta a dupla sertaneja/goiana Joesley & Wesley, patrocinada pelo BNDES, Caixa Econômica e outras instituições dominadas pelo gangsterismo e pelo banditismo, que estão ou estavam no topo da República?

Nosso mundo acelera com velocidade estonteante a informação (não a "formação"). Acelerar e aprofundar não são verbos semelhantes. Ou não? Dispersei-me. O adjetivo pós-verdade adquiriu importância e significância que transcende o vernáculo e a semiologia da geopolítica internacional.

Como alguém observou, o facciosismo fascista e a intolerância desumana hiperbólica, associam-se à hipocrisia flagrante que renega a veracidade factual do viver. (...) O niilismo está na soleira da porta. A verdade é o que é – segue sendo verdade, ainda que pensemos o revés, disse A. Machado. Qual é a primeira vítima de, por exemplo, numa guerra? É a verdade.

Um poeta espanhol disse que a verdade nunca é triste... A busca de fabulação pode anestesiar a nossa dor, mas não pode prevalecer – senão será roubada a nossa autenticidade. E eu só posso pedir que alguém acredite em mim, se previamente eu acreditar fundamente no que digo.

Ludwig Wittgenstein, acima citado, foi um filósofo austríaco, naturalizado britânico. Participou do chamado "Círculo de Viena", que contribuiu para a renovação da lógica na década de 20 do século passado. Ele é considerado um dos pais da "filosofia analítica". Estudou com Bertrand Russel (1892-1970) entre 1912 e 1913.

# CONFLITO DE DESEJOS

*Jolimar Corrêa Pinto*

Rebeca era gerente de uma loja especializada em trajes masculinos finos. Oriunda de uma família de classe média citadina, empenhara-se de forma resoluta nos estudos desde o ensino médio, quando passara a perseguir um objetivo: a subida na escala social. Deixara as atividades recreativas próprias da idade para dedicar-se integralmente aos estudos curriculares e à leitura de obras literárias... Pautara sua adolescência na extrema dedicação aos meios para atingir o fim a que se propunha. Negligenciara quanto aos namoros, os bailes, até mesmo às atividades esportivas. Brilhante durante todo o período escolar, até a obtenção do título de doutorado em economia, aos vinte anos fora a primeira colocada em concurso promovido por famosa empresa internacional, onde manteve os propósitos de alcançar altas posições. Distinguiu-se de tal maneira que aos vinte e cinco anos fora promovida a subgerente e aos trinta alcançara o posto principal.

Durante toda a sua vida, desde a adolescência, mantivera distância do sexo masculino, não que evitasse propositadamente os contatos amorosos, mas a dedicação aos estudos excluíra naturalmente os desejos. Seus colegas – os excluídos – teciam comentários sobre seu comportamento: "tão linda e evita namoro, terá algum amante oculto, quem sabe, um homem casado, ou seria lésbica?". Somente ela sabia o objetivo do seu isolamento, não era aversão ao sexo, ocultava uma admiração pelo Antônio, vendedor da loja, mas se recusava a admitir a possibilidade de um possível relacionamento sentimental, face aos seus propósitos de ascensão social. Não estava ainda satisfeita com o cargo; queria enriquecer.

Em certa tarde encontrava-se a caminhar pelas diversas seções da loja quando percebeu que um veículo muito vistoso fora estacionado defronte à loja e dele descia um casal em sua direção. Percebeu que se tratava de pessoa de classe alta e, dirigindo-se aos recém-chegados, apresentou-se e colocou-se à disposição para encaminhá-los ao setor desejado. A mulher explicou que o homem, em trajes turísticos, fora surpreendido com um convite para uma reunião social e precisava de um banho de loja, desde os sapatos até a gravata. Já se aproximaram alguns funcionários de Rebeca e foram informados da pretensão dos clientes. Em seguida afastou-se para os seus aposentos, um misto de escritório e apartamento.

Rebeca chamou o subgerente e instruiu-o para encaminhar os clientes ao seu escritório, tão logo tivessem sido feitas as escolhas, enquanto a compra fosse preparada. E recomendou a preparação de um leve lanche.

Ao chegar o casal foi convidado à mesa e, enquanto se alimentavam, conversavam a respeito de assunto que interessava a Rebeca. E soube que o cliente era executivo de empresa que tinha atividades em Londres, Paris e Nova Iorque e estava em meias férias – executivo não tem descanso absoluto – em companhia da secretária e do motorista, a visitar cidades litorâneas. Ao chegarem as compras Rebeca ofereceu o apartamento contíguo para os preparativos do encontro social, o que foi aceito. O cliente banhou-se, vestiu-se, agradeceu as gentilezas, pagou a conta; e trocaram cartões de visita.

Rebeca exultou com o desenrolar e o desfecho do encontro. A sua intuição analisou instantaneamente a situação: o rico carro, a idade da secretária, bem mais velha que o cavalheiro, que tinha aparência senhorial apesar do traje jovial; e sem aliança. Desde a manifestação do pedido, estava convicta de que se tratava de um homem importante, o que se confirmou na conversa em seu escritório. Pareceu-lhe ter percebido olhares significativos durante a ceia e um toque de mão demorado ao se despedir; além de um aceno ao entrar no carro. Sorriu feliz.

Ao findar o expediente a gerente foi convidada a participar de um parabéns-pra-você em homenagem ao Antônio. A primeira reação foi de escusa por razões pessoais, mas reagiu e compareceu ao encontro. Após a cantoria foi cumprimentar o aniversariante e surpreendeu-se tocando, em um abraço, a face de Antônio; e, olhos nos olhos, apresentou as suas felicitações. Foi um momento mágico, viveu uma sensação única em toda a sua vida: a batida acelerada do coração e as mãos sentindo o calor do toque do rapaz. Experimentara uma atração carnal pelo Antônio, quis aproximar-se mais uma vez, puxar conversa, e despedir-se depois com um novo abraço; o desejo foi superado pelo instinto de defesa: despediu-se de todos com um aceno e um boa-noite.

No dia seguinte recebeu um telefonema de Rodolfo, o cliente; agradeceu as gentilezas de Rebeca e convidou-a para um final de semana em sua casa no Guarujá – seria conduzida em seu avião particular; ela pediu tempo para verificar a agenda, mas estava certa de que aceitaria. Deixou passar algumas horas e, ao final do dia, retornou a ligação e tudo foi combinado.

O fim de semana na mansão de Rodolfo transcorreu de forma agradável; ele convidara casais amigos e Rebeca foi apresentada como se fora uma escolha dele para sérios compromissos afetivos. Ela, feliz, diante das atitudes atenciosas, carinhosas mesmo, mas respeitosas, já no avião, longe daquele convívio sedutor, passou a analisar o alegre passeio: ao despedir-se Rodolfo, em gesto social, encostara-lhe o rosto na face e, ao contrário do toque do Antônio, não lhe causara qualquer emoção. E, então, os pensamentos se voltaram para o seu funcionário. E, ao chegar à loja, ocorreu-lhe um desejo intenso de se aproximar de Antônio; dirigiu-se ao setor do funcionário, como se estivesse fazendo uma inspeção, aproximou-se dele, sorriu, estendeu-lhe a mão, perguntou sobe as vendas, algo mais, e despediu-se com outro toque de mão. Percebera, então, uma manifesta troca de energia com o brilho nos olhos dele e um forte, mas carinhoso aperto em sua mão; ela, por sua vez, voltara àquelas sensações do primeiro encontro. Perturbou-se, voltou ao escritório, sentiu uma vibração na parte mais íntima do corpo: "que loucura, que loucura, não pode ser, o que é isso, o que está acontecendo comigo?" E passou a evitar o Antônio.

Após uns poucos meses de encontros Rodolfo e Rebeca se casaram. Ela se demitira do cargo de gerente, mudara-se da cidade. A lua-de-mel constou de um giro por Londres, Paris, Nova Iorque, visitas às lojas da empresa, apresentações, jantares com amigos do marido e muita conversa sobre economia, comportamento do mercado, câmbio, visitas a museus, algumas peças teatrais, tudo muito alegre, culturalmente enriquecedor. Rebeca só ficava tensa no momento de se recolherem aos seus aposentos.

Desde os primeiros encontros Rebeca percebera que não sentia por Rodolfo o arrebatamento que lhe causara Antônio; ele era atencioso, carinhoso, comportou-se cavalheirescamente na noite de núpcias, rodeando a noiva de carícias, de palavras excitantes, até o momento que ela aguardava friamente, cônscia de que o ato não seria prazeroso. E não foi, mas ela se comportou como profissional, cooperou. Ainda bem que as relações íntimas somente ocorriam semanalmente, e mais espaçadas ainda, em virtude das constantes viagens do marido em razão dos negócios. E ela cerrava os olhos, firmava o pensamento em Antônio a fim de atingir o êxtase; mas não era uma plena realização, apenas uma forma de excluir a presença de Rodolfo. Insatisfeita, tomou uma decisão audaciosa: telefonou para Antônio, marcou encontro para uma das ausências do marido.

E os encontros se sucederam por meses. Estava perigosamente feliz; na cama com Rodolfo negligenciava nas ofertas dos carinhos costumeiros. Ele notava, mas não reclamava, até que um dia a secretária lhe inoculou o veneno da dúvida: Rebeca recebia e fazia longas ligações na sua ausência, ausentava-se por longos momentos – até mesmo nas horas das refeições – voltava para a casa tarde da noite, esquivava-se de perguntas...

E, então, Rodolfo tomou providências: grampeou o celular da mulher, simulou uma viagem, atendeu uma ligação em que ela marcava o encontro. Armou-se, posicionou-se em carro alugado para assistir a saída da mulher, seguiu-a até o aeroporto, viu Antônio entrar no Mercedes, assistiu aos abraços e aos beijos, voltou a segui-la até a entrada do motel onde ela aguardava atendimento, estacionou atrás do Mercedes, saiu do carro, apontou a arma para a cabeça de Rebeca, acionou duas vezes, apontou para o Antônio perplexo, acionou de novo, voltou para o seu carro, apontou a arma para o peito, acionou o gatilho...

# TRANSFIGURAÇÃO DO SÁBADO

*Oswaldino Marques*

Equilibrado entre o poente e o tráfego,
Na pura abstração do paraquedas branco,
Recrio a estrela num acesso lúdico
Equacionando o indemonstrável e o espírito.
Sábado é a lua flutuando no espaço
Com seu ritmo de pássaro frustrado.
Canteiros de amaranto desfalecem com a tarde.
Ruído arterial da noite imatura
– É próprio dos peixes declamar o azul.

# OS ANOS DO PADRE VIEIRA NO MARANHÃO

*Adelto Gonçalves*

## I

Depois de produzir um romance, *O viúvo* (Brasília, LGE Editora, 2005), que foi classificado por este crítico como "uma das poucas obras-primas do romance brasileiro deste início de século XXI", o romancista, poeta e ensaísta Ronaldo Costa Fernandes (1952) acaba de mostrar que sua forja continua bem acesa, ao lançar, desta vez, *Vieira na ilha do Maranhão* (Rio de Janeiro, 7Letras, 2019), que constitui uma tentativa exitosa de criar um gênero híbrido de crônica e romance, misturando história à ficção, como bem observou o contista Alexandre Arbex na apresentação que escreveu para este livro.

Sem pretender o foro de biografia do padre António Vieira (1608-1697), a obra procura reconstituir a passagem de oito anos, de 1653 a 1661, do missionário pelo Maranhão, onde sua voz ecoou por várias vezes no púlpito das igrejas para condenar o regime de escravidão que os poderosos do local impunham aos indígenas. Trata também de recuperar os embates que o religioso teve de enfrentar contra a elite local, os chamados homens-bons, ou seja, os proprietários de terras que insistiam em fazer do Estado uma extensão de suas casas senhoriais, tal como ainda o fazem hoje muitos de seus descendentes.

Talvez porque carregasse em suas veias um pouco de sangue africano, pois seu pai, Cristóvão, de origem alentejana, saíra das entranhas da filha de uma mulata ou africana, Vieira sempre haveria de defender os perseguidos, inclusive, os judeus, o que lhe causaria muitas perseguições, especialmente em Portugal. Já a mãe de Vieira era uma lisboeta de quatro costados, embora não fosse oriunda de família rica.

Cristóvão, escrivão da Inquisição, mudou-se para o Brasil em 1614, para assumir cargo de escrivão em Salvador, na Bahia, mandando vir em 1618 a família, que incluía António e mais três filhos. Na Bahia, António iniciou seus estudos no Colégio dos Jesuítas de Salvador, ingressando na Companhia de Jesus como noviço em 1623, prosseguindo os seus estudos em Teologia, Lógica, Metafísica e Matemática.

A partir de 1627, passou a atuar como professor de Retórica em Olinda, retornando a Salvador para completar seus estudos, onde em 1634 seria ordenado sacerdote. Nesta época, já era conhecido pelos seus primeiros sermões, tendo fama de notável pregador. Em 1638, foi nomeado como professor de teologia do Colégio Jesuíta de Salvador.

Após a restauração da independência de Portugal em 1640, regressou a Lisboa iniciando uma carreira diplomática, pois integrava a missão que ia ao Reino prestar obediência ao novo monarca. A partir de então, começou a criar fama como pregador em razão da eloquência e firmeza com que fazia seus sermões. Por outro lado, suas pregações começaram a lhe causar dissabores, o que contribuiu para retornar à América portuguesa, desta vez estabelecendo-se no Maranhão em 1653, ano em que proferiu o famoso Sermão da Primeira Dominga de Quaresma com o qual tentou convencer os senhores de engenho a libertarem os seus escravos indígenas.

## II

É a partir daqui que Costa Fernandes procura recuperar o que foi a estada de Vieira no Maranhão, criando outras personagens que gravitavam em torno do grande catequizador, como o mouro Omar Zaher, homem de dois metros de altura, que sonhava escrever um dicionário universal e vivia cercado de alfarrábios de outras línguas europeias; o holandês Johannes van Basselar, que trocara a civilização europeia pelo amor de uma indígena, chegando ao exagero de participar da atividade canibalista da nação nheengaíba; e o padeiro Bento, preso por atentar contra a vida do fidalgo Nogueira de Almeida, a quem considerava um curupira, acusando-o de ter "vomitado" a peste da bexiga negra no povo do Maranhão.

Outra personagem inolvidável é o sapateiro José Manuel Gordilho, casado com uma índia juruna, que era acusado de ter muita leitura e criar "profecias que só Vieira dava conta de entender em versos maltrapilhos e desencontrados". O sapateiro era pai de Luzia, moça que tinha uma cabeça descomunal que não parava de crescer e inchar ainda que estivesse confinada num elmo de ferro.

Por esta amostra das personagens, o leitor pode estar certo de que vai encontrar neste livro uma narrativa pouco usual, multifacetada e polifônica, que se destaca por uma dicção peculiar, que procura reconstruir o português falado no século XVII, aproveitando também a linguagem que se lê nos sermões e cartas da personagem principal, o padre António Vieira, como se percebe no trecho abaixo:

(...) Os mais jovens, impetuosos, arrebanhados pela ideia mística, nunca ouviram palavras tão belas e deformantes. Um mundo de espetáculo onde em vez de circo ouvem-se apenas os saltos e malabares da palavra. E Vieira agora abusa de sua oratória e em tom mais grave e alto sentencia: "No Maranhão não é necessário ao demônio tanta bolsa para comprar todas as almas: não é necessário oferecer reinos, não é necessário oferecer cidades, nem vilas, nem aldeias. Basta acenar o diabo com um tujupar de pindoba e dois tapuias; e logo está adorado com ambos os joelhos. Oh que feira tão barata."

Os colonos mais pobres assentiam com a cabeça, horrorizados com o poder do diabo. Os fidalgos bufavam, inquietos no banco incomodante. A maioria, contudo, ouvia certa música celestial onde não havia mais que a voz de Vieira.

Eis aqui um texto marcado por um tom satírico da primeira à última linha, numa linguagem que percorre ao mesmo tempo a História de Portugal e do Brasil e deixa à vista sua dimensão trágica que nos chega até hoje através de personagens que em sua pequenez não diferem muito daqueles de quatro séculos atrás. Levantando e recriando histórias, mitos e mistérios a partir de apurada pesquisa, esta obra oferece ao leitor uma oportunidade única para se conhecer um Brasil que parece surreal, mas que não difere, em muitos aspectos, daquele em que vivemos.

## III

Nascido em 1952 em São Luís, o maranhense Ronaldo Costa Fernandes é mestre em Literatura Hispano-americana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutor em Literatura pela Universidade de Brasília. Deu aulas de literatura na Universidade Notre Dame (1977) e na Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante. Foi chefe do Setor de Arte e Cultura da Universidade Católica de Brasília de 1997 a 1998 e trabalhou na Secretaria Especial da Presidência da República em 1985.

Pertence ao quadro do Ministério da Cultura desde 1980. Foi coordenador da Fundação Nacional de Artes (Funarte), órgão ligado ao Ministério da Cultura, de 1995 a 2003. Cedido nesta época ao Senado Federal, trabalhou no Conselho Editorial da Casa. Dirigiu, durante nove anos, o Centro de Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil em Caracas. Foi, durante três anos e meio, professor-convidado de Literatura Brasileira na Universidade Central da Venezuela.

É membro desde 2005 da Academia Brasiliense de Letras, cadeira XVIII, cujo patrono é o poeta Cláudio Manuel da Costa (1729-1789). Recebeu, em 1996, a Medalha La Ravardière, comenda da municipalidade da cidade de São Luís. Desde 2006, é membro da Academia Maranhense de Letras. Ganhou os prêmios de Revelação de Autor da Associação Paulista de Críticos de Artes, Casa de las Américas e Guimarães Rosa.

Entre suas obras, estão os livros de poemas *Estrangeiro* (1997), *Terratreme* (1998), que recebeu o Prêmio Bolsa de Literatura da Fundação Cultural do Distrito Federal, *Andarilho* (2000), *Eterno passageiro* (2004) e *A máquina das mãos* (2009), que ganhou o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Em 2007, lançou *Manual de Tortura* (2007), contos, e *A Ideologia do personagem brasileiro* (2007), ensaio.

Em 2010, lançou o romance *Um homem é muito pouco* e, em 2012, *Memória dos porcos*. Em 2014, publicou *O difícil exercício das cinzas*, seguido pelo livro de ensaios *A cidade na literatura* (2016). Em 2018, publicou *Matadouro de vozes*, conjunto de poemas que mescla "um tom filosófico com quase imperceptíveis – à primeira vista – apelos políticos e sociais incrustados nas entrelinhas de versos harmoniosos entre si", segundo definição do crítico José Neres, em resenha publicada no jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande-MS, em 7/5/2019.

---

***Vieira na ilha do Maranhão***, de Ronaldo Costa Fernandes. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2019, 218 páginas. E-mail: editora@7letras.com.br Site: www.7letras.com.br

---

# CONCEIÇÃO

*Raquel Naveira*

A concepção de Jesus, Homem e Deus, por uma virgem, Maria, é um dos mistérios da fé cristã. CONCEIÇÃO é o nome de dois ícones da cultura sul-mato-grossense: CONCEIÇÃO FERREIRA, precursora do teatro e CONCEIÇÃO DOS BUGRES, a escultora.

CONCEIÇÃO FERREIRA foi uma atriz portuguesa, nascida na aldeia de Lardosa, em 1904. Estudou Arte Dramática no "Conservatório Gil Vicente", em Lisboa. Veio para o Brasil em 1924, primeiramente para o Rio de Janeiro, onde estreou no Teatro Recreio, ao lado de Henriqueta Brieba. Ingressou na Companhia Teatral Oduvaldo Viana e depois na Companhia Teatral Maria Castro, viajando por todo norte e nordeste. Chegou a Mato Grosso em 1928. Percorreu as cidades de Aquidauana, Miranda, Corumbá, Cáceres, Cuiabá, Três Lagoas, Campo Grande, Ponta Porã e adentrou o Paraguai.

Recebeu então um convite para filmar "Alma do Brasil", primeira produção cinematográfica do Estado, sobre a Guerra do Paraguai, direção de Libero Luxardo e Alexandre Wulfes.

Resolve residir definitivamente em Campo Grande, reunindo um grupo de jovens da sociedade local para formar uma pequena companhia de teatro. Os ensaios aconteciam na residência do maestro Emidgio Campos Vidal e as apresentações no antigo Cine Trianon.

Conceição foi também apresentadora da Rádio Difusora de Campo Grande, PRI-7. Viúva, mudou-se para São Paulo, mas vinha sempre a Campo Grande, onde tinha um filho.

Faleceu em 1992, em Campo Grande, cansada e esquecida.

Quando pequena, eu ouvia muito falar dela e de seu marido, José Ferreira, que eram amigos e "patrícios" de meus avós portugueses. Depois, só tornei a vê-la no teatro Glauce Rocha, em meados de 90, na noite do lançamento do livro "Alma do Brasil", de autoria do advogado e folclorista José Octavio Guizzo. O livro é um relato de como aconteceram as filmagens dessa epopeia sul-mato-grossense sobre o episódio da Retirada da Laguna. Foi uma noite de glória. Conceição, velhinha, magra e faceira, muito pintada, envolta num xale de seda de fundo negro estampado de flores, subiu ao palco e foi aplaudida de pé, o auditório veio abaixo. Comovente a cena da mãe com seu filhinho, num incêndio da macega, protagonizada por Conceição.

Mais tarde, minha tia Nicota, de Bela Vista, contou-me um fato inusitado: quando a companhia teatral passava por aquela cidade, à beira do rio Apa, fronteira do Paraguai, os meninos saíam gritando pelas ruas, numa entonação dramática: "Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira!" Imagino o caminhão tosco, levando estrados, cortinas, baús pesados. Preparavam a sala do cinema com cadeiras, bancos, lugar para o coro, para o piano e o fagote. Nos cantos, lampiões bojudos, de gás amarelo, chupavam mariposas. O espetáculo era às vezes uma opereta, uma peça sobre alguma mártir dolorosa ou uma comédia à La Garçonne. O importante era ver Conceição cantando, misto de bailarina e borboleta. E eram trazidas máscaras, cabeleiras, coturnos, túnicas, barbas falsas, telas enroladas de cenários. Espalhava-se incenso no ar seco de mato. Teatro, sabiam, é tudo miragem, ilusão, fingimento, imitação, mas parecia tão verdadeira aquela história da cabocla bonita... Conceição virou fantoche no palco do mundo, mas aqui, bem na alma do Brasil, no centro-oeste, onde pulsa o coração, ainda se ouve o apelo: "Hoje tem espetáculo Conceição Ferreira."

CONCEIÇÃO FREITAS DA SILVA, a CONCEIÇÃO DOS BUGRES, nasceu no Rio Grande do Sul, na localidade de Povinho de Santiago, em 1914. Aos seis anos mudou-se para o Mato Grosso, morando depois em Campo Grande, onde faleceu em 1984.

A cultura sul-mato-grossense foi profundamente marcada por essa escultora primitiva, mulher rude e pobre, de mãos toscas, cheias de veias que se confundiam com a madeira, com a cera das abelhas. Os bugrinhos que criava eram retangulares, cabeças chatas, braços semelhantes a asas curtas e pés esparramados. Tinham vida, expressão no olhar, nas barriguinhas estufadas. Tornaram-se verdadeiros ícones de nosso Estado, totens de nossa identidade cultural.

Conheci Conceição há mais de quarenta anos, numa tarde de sábado. Fomos, uma turma de moços, ver o seu trabalho. Ela nos atendeu com seu jeito tímido, os longos cabelos grisalhos amarrados no meio das costas, o vestido puído de chita florida. Levou-nos à pecinha de madeira, de chão de serragem, onde colocava os bugrinhos em prateleiras. Pegava-os como se fossem seus filhos, recém-saídos do ventre da terra, feitos de raízes de mandioca.

Como eu era jovem naquele tempo! Nem sei se tive a visão da importância daquele momento, da grandeza daquela artista. O certo é que nunca me esqueci daquela tarde de sábado. Da cerca de arame farpado em volta do terreno áspero de cerrado, sem nenhuma árvore. Nem do sol que mergulhava vermelho no lago do Amor. Nem do seu corpo franzino, desconjuntado no trabalho pesado. Nem do formão que ia arrancando lascas, faíscas e sonhos dos pequenos troncos.

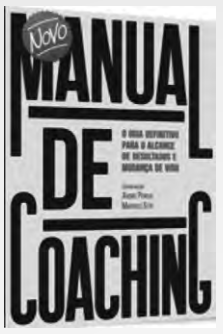
Visitando o Museu do Folclore, que fica ao lado do Museu da República, no Rio de Janeiro, deparei-me com uma fotografia de Conceição: o rosto sulcado de rugas, tomando mate na cuia. Que orgulho e, ao mesmo tempo, que melancolia tomaram conta de mim. Parece que eu a via, já perto do fim, tão consumida, recendendo a guavira, esculpindo bugres na noite índia, ao som do riacho puro onde fremiam sapos.

Saí em direção ao Catete, refletindo sobre provação, sobre injustiças sofridas, sobre legados profundos de brasilidade.

CONCEIÇÃO FERREIRA e CONCEIÇÃO DOS BUGRES, duas almas concebidas e purificadas pela luz da Arte.

Livros de
KÁTIA
LUZIA LIMA FERREIRA

*"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação – reflexão".*
*Paulo Freire*



Manual de Coaching

Petita

Professor – um profissional transformador

Vivendo mais uma vida

O sangue do dragão

CONTATOS COM A AUTORA:

E-mail: katiallf@hotmail.com
Telefone: 99199-0764

# TIO ANTÔNIO, EM MARIANA

*Danilo Gomes*

"O vivido passa a ser muito mais vivo do que aquilo que se tem que viver ainda." (Armando Freitas Filho, no poema "Memo".)

"Os mortos se afastam depressa e se escondem no esquecimento. A noite, porém, os faz tornar às vezes de repente. (…) Grande e misteriosa é a morte. Estranha e forte. Sol escuro que torna antigo tudo aquilo em que toca, seja criança recém-nascida ou um velho papagaio real." ( Augusto Frederico Schmidt, "As Florestas – Páginas de Memórias".)

No meu tempo de menino, praticamente todo mundo tinha um tio torto ou uma tia torta, expressões que depois caíram em desuso. Tio torto era o tio casado com a irmã do pai ou da mãe da gente. E tia torta, obviamente, a tia casada com o irmão do pai ou da mãe da gente. Acontecia, como acontece, que um tio torto era mais afinado com a gente do que um tio de sangue, biológico. Era o caso do meu tio Antônio. Nome por inteiro, cartorial e da pia batismal: Antônio Augusto Gomes.

Era casado com minha tia Carmita Motta, irmã de minha mãe, Dorita. Eles não tiveram filhos. Quiseram, mas um dos dois era estéril. Eu nunca soube qual deles, não se falava nisso, era um tabu na família. Os filhos deles éramos nós, "os meninos de Dorita e Daniel". Sendo eu o mais velho, nascido em 1942, tornei-me uma espécie de filho mais velho de tio Antônio e tia Carmita.

Tio Antônio nos levava para passear pela pacata Mariana da década de 1940 (só havia dois carros de praça, hoje táxis, nenhum ônibus), nos fins de tarde. Passeávamos até à Estação Ferroviária, inaugurada em 1914. Um dia, batendo pernas para além da Estação, pelas bandas do Barro Preto, vimos um caçador arrastando uma onça, que ele havia matado lá pelos matos sem fim. O cheiro da onça morta era forte e o caçador parecia um desses personagens do Velho Oeste, nos filmes de faroeste que víamos no Cine Theatro Central. Parecia um Buffalo Bill, um Daniel Boone ao vivo e a cores na nossa imaginação infantil, tocada a cinema. Mas como o caçador era mais velho, barbudo, com chapelão, mais parecia, na verdade, o velho beberrão Gaby Hayes dos gibis, das revistas em quadrinhos enfocando o longínquo Oeste americano.

O sereno tio, que era gerente do Banco da Lavoura (ou Banco de Minas Gerais ?), nos levava no fim do expediente, vez por outra, para tomar sorvete no bar do Pitito, ao lado do cinema. Tomar sorvete na taça era **chic** e dava direito a um copo d'água, que não era gelada, pois a geladeira não havia chegado ainda àquela nossa cidade próxima a Ouro Preto. Nossa região desconhecia geladeira; telefone nas casas era raridade. De noite, na hora de dormir, tio Antônio nos contava histórias, sentado na minha cama, e dormíamos ouvindo sua voz tranquila e paternal.

O casal morava numa casa ao lado da nossa, apenas separada pela de dona Filomena, senhora quase centenária. Estávamos sempre lá, na casa dos tios. Certa ocasião, eles montaram para mim, num quarto, uma criação de bicho-da-seda, de uma forma didática, para que eu aprendesse o ciclo de evolução do pequeno animal. Foi um dos encantamentos da minha infância, um mundo à parte, penumbroso e mágico, cheio de vida, evolução e mistério. Era como um pequeno santuário natural, na Avenida Salvador Furtado de Mendonça, nome do fundador do arraial e futura vila, cidade e capital de Minas.

Tio Antônio me levava para cortar o cabelo no salão de barbeiro de Sô Miro, perto da Pensão Pontes, na Rua da Ponte de Tábuas (onde, sob o luar de Ismália, ia passear o poeta Alphonsus de Guimaraens.) Sô Miro tinha uma paciência de Jó com os meninos chorões, quando fiapos de cabelos lhes caíam nos olhos e incomodavam. Era um berreiro. Tio Antônio ajudava a limpar os olhos dos sobrinhos meio mimados. Ir ao barbeiro era um castigo, uma tortura, naquela cadeira Ferrante que subia e descia.

***

Em 1953 fui estudar no internato do Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do Campo, perto de Ouro Preto. Tinha 10 anos, iria completar 11 em dezembro daquele ano. Regime meio militar (o uniforme era uma farda cáqui, com grandes botões marciais pretos), meio religioso, de seminário, uma vez que a Casa era dirigida por padres salesianos. Disciplina rigorosa, alvorada às 5 e meia da manhã, missa diária, comida frugal, banho frio, comportamento espartano, hierarquia, obediência e, muitas vezes, silêncio monástico. Sem carregar nas tintas, o quadro era esse. Lá fiquei por dois anos, descontadas as férias de julho e dezembro.

Um fim de tarde, estávamos no recreio, depois do jantar que se servia às 17h30, no amplo refeitório. Fazíamos intervalo para o estudo da noite, que se encerrava às 20 horas, quando, depois de um rápido café com leite, em fila e em silêncio, nos dirigíamos para a capela, para as orações da noite, e em seguida para os vastos dormitórios. Naquele fim de tarde fui chamado pelo padre disciplinador, dito padre conselheiro, de cara sempre fechada, que mais tarde me pareceria a cara do Conde de Assumar ou até do Marquês de Pombal… Com sua capa preta, ele disse que eu deveria me preparar para uma viagem a Mariana, sem me revelar o motivo. Fiquei feliz na iminência de passar uns dias em casa e, na minha inocência, não atinei com outro motivo que a generosidade da Congregação para com um filho saudoso do lar. No carro de praça, aguardava-me o motorista (**chauffeur**) Joãozinho Vieira, gordo, simpático, sorridente debaixo do bigode à Clark Gable, e, no cotidiano, de altos falares e altos gargalhares. Naquele momento, por certo estaria sério, com um laivo talvez de preocupação, que terá escapado ao ingênuo estudante salesiano.

Entrei no Chevrolet com minha maleta. No percurso para Mariana, em estrada ainda de terra, Joãozinho apenas conversava fiado sobre o tempo e coisas assim. Nada sobre o real motivo da viagem.

Cheguei a Mariana noite fechada e fui logo conduzido à casa de tio Antônio. Lá estavam a família e amigos. Ninguém me disse nada, mas notei um movimento estranho, incomum, gente que entrava e saía, com semblantes carregados. Vi chegando o Cônego Francisco Vieira Braga, de pouca conversa e ar mais sério que o costumeiro, de severo corregedor de alunos indisciplinados de seu Externato.

A muito custo me deram a notícia, quase no limiar do quarto: tio Antônio estava muito doente, muito mal. Era um eufemismo piedoso: ele estava agonizando, estava à beira da morte. Entrei, confuso e espantado.

Alguém, talvez tia Carmita, lhe sussurrou que eu estava ali, junto a ele. Deitado, a respiração difícil e estentórica, suava, e os ollhos – que eram verdes – estavam parados no ar, direcionados para o teto, para o nada. Estado de coma. Em Mariana ainda não havia hospital. Em Ouro Preto, só a Santa Casa de Misericórdia. Talvez não resolvesse. Ele já não via, já não ouvia mais ninguém. Mas a Velha Dama ali estava a seu lado, com sua foice inapelável, olhando a ampulheta da eternidade.

Carmita enxugava-lhe o suor da agonia. Ela ou alguma outra pessoa que ali estava, acompanhando o moribundo na difícil travessia.

***

Antônio Augusto Gomes, fumante inveterado, com suas unhas amareladas pela nicotina, vítima de um derrame cerebral, estava "nas últimas", como se dizia naquele tempo. O velho amigo Cônego Braga acabara de ministrar-lhe a extrema-unção, hoje, eufemisticamente, unção ou sacramento dos enfermos: os santos óleos na testa, olhos e lábios (talvez) dos que vão partir para a longa viagem além da vida na Terra. Os olhos do agonizante estavam já vidrados, já não pertenciam ao mundo dos vivos. Eu, o menino que era seu de coração, embora não seu filho carnal, era ninguém à sua frente. Nada mais estava diante de seus olhos glaucos, senão a face inescrutável do mistério. O filho de Dona Cota ia partir para sempre, o Cemitério de Santana o aguardava, no alto da ladeira, depois da encomendação na Sé Catedral do século XVIII.

Antônio devia ter pouco mais de 50 anos, alguém disse 53, na penumbra do quarto. Era primo, em segundo ou terceiro grau, de meu pai. Concunhados, grandes amigos, gostavam da mesma cerveja, mesma cachaça, mesmo cigarro, mesmo time de futebol – o Guarany Futebol Clube – e mesmo partido político, o PSD – Partido Social Democrático, de Amaral Peixoto (genro de Getúlio Vargas) e Juscelino Kubitschek, carismástico político em fulminante ascensão. E ainda por cima moravam na mesma rua (dita Avenida Salvador Furtado). Antônio e Daniel eram Gomes e, praticamente, irmãos. (Daniel morreria 12 anos depois, aos 60 anos.)

***

Foi a primera vez que vi a morte de perto, cara a cara, no fundo dos olhos já mortos, e senti sua respiração letal tardia e descompassada, seus estertores. Era o fim. Antônio estava morrendo. Diante de seu silêncio e sua agonia, chamei por seu nome: tio Antônio! Sua boca já não podia responder: também já estava morta. O médico – talvez o Dr. José Dias, talvez o Dr. Oswaldo Guimarães – deu por findo o seu trabalho, fechou a maleta e, impotente, cedeu o lugar proeminente à Velha Senhora com sua foice, friamente à espera do último suspiro daquele cristão que só praticou o bem.

Nada mais havia a fazer, consolou-se Carmita, entregue à sua dor, senão lamentar a partida de quem era querido por todos de uma forma especial: era a alma boa, o coração sem mácula, paciente, o ombro amigo, a mão generosa, o caminhar pausado do autêntico provinciano mineiro, o modelo do amigo boêmio e bem-humorado, do boa-praça. Sim, caros e pacientes leitores, isto é um panegírico, uma elegia e um réquiem. O menino assustado e chocado de ontem o assina hoje, quando é avô de dois netos e duas netas.

Antônio Augusto Gomes partiu para a terceira margem (de Guimarães Rosa) do rio Letes da lenda grega, rumo à eternidade. Ato contínuo, alguém lhe fechou os olhos. Deve ter sido Carmita ou um irmão ou outra mão amiga, naquela hora última. O menino do internato já não estava ali. Procurava um canto para chorar, longe do tumulto e da lamentação geral, aquela perda maior que sua capacidade de suportar. Era apenas um menino, no mundo dos adultos que também lamentavam no seu muro invisível.

Os sinos começaram a dobrar a finados. Soturnamente, como o momento recomendava, segundo os cânones. Começava a longa madrugada do velório, na própria casa. O menino se perdeu nessa noite triste, enfiado num canto, por certo em sua casa, ali ao lado, extenuado por um longo dia.

Mais de meio século depois daquela dramática noite, na verdade, 66 anos depois, sua alma de menino ainda perambula por aquela casa (há muito demolida) com alpendre, diante do Jardim do Meio e do Ribeirão do Carmo, e, dentro dessa alma de menino atônito, tio Antônio ainda vive, até à morte do menino. (Brasília, junho 2019.)

# DECORAR POESIAS

*Ana Miranda*

Menina, sempre tive motivos para decorar poesias. Havia os álbuns onde escrevíamos versos. Havia saraus. Havia o amor romântico. E a escola ensinava. Lembro de uma festa num fim de ano em que declamamos liras do Tomás Antônio Gonzaga, em "Marília de Dirceu", cada criança dizia alguns versos, que se encadeavam. A minha parte era: "Meu sonoro passarinho, se sabes do meu tormento e buscas dar-me, cantando, um doce contentamento, ah, não cantes mais, não cantes..." Ainda a sei de cor, ainda sinto o gosto do amor infeliz, contido nessas palavras escritas na masmorra.

Naquele tempo o Brasil era cândido, até a Lua era mais meiga, crianças tinham entusiasmo e ensejo para decorar poesias, adultos sabiam algum poema de cor; enamorados necessitavam de poesias para encantar a alma da pessoa amada, e declamavam versos do Vinicius de Moraes, os mais apaixonados: "De repente do riso fez-se o pranto, Silencioso e branco como a bruma, E das bocas unidas fez-se a espuma, E das mãos espalmadas fez-se o espanto... de repente, não mais que de repente..."

Mesmo sem perceber, alguém decorava a "Canção do exílio", escrita em Portugal por um saudoso Gonçalves Dias, tal a sonoridade: "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá, as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá..." São os versos mais conhecidos de nossa Poesia e podem ser declamados de cor por crianças, tão singelos. Nas minhas palestras sobre esse poeta, o público sempre declama em coro quando puxo os primeiros versos.

Também sabíamos os versos de nossa meninice cantada por Casimiro de Abreu, o mais suave dos poetas: "Oh! que saudades que tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida que os anos não trazem mais! Que amor, que sonhos, que flores naquelas tardes fagueiras à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais!"

Na minha adolescência eu ainda decorava poesias, mas eram versos mais fortes, e eu os declamava com um sentimento diferente, de rebeldia, talvez, desesperança, eram tempos sombrios e a poesia nos iluminava. Decorei poemas de Maiakóvski, como: "A todos vocês que eu amei e que eu amo, ícones guardados num coração-caverna, como quem num banquete ergue a taça e celebra, repleto de versos levanto meu crânio". Decorei, claro, os amargos "Versos íntimos" de Augusto dos Anjos: "Vês?! Ninguém assistiu ao formidável enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão – esta pantera – foi tua companheira inseparável!" E que terminam com dizeres tão desiludidos que chegam a ser patéticos: "Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, a mão que afaga é a mesma que apedreja..." Escrevi até um livro com o título "A última quimera". Decorei poemas de Gregório de Matos, como este que eu escutava com uma doce melancolia, na voz de Caetano Veloso: "Triste Bahia, ó quão dessemelhante estás, e estou, de nosso antigo estado..." Ando os esquecendo.

Hoje em dia, quem se lembra de poesias decoradas na infância, ou na juventude? Quem sabe, ainda, declamar versos? Quem escreve poemas? Quem lê poesia? Ah, os tempos estão difíceis, o mundo anda tão prosaico, "Vou-me embora pra Pasárgada, lá sou amigo do rei, lá tenho a mulher que eu quero na cama que escolherei..."

# LEMBRANÇAS GERACIONAIS(*)

*Kori Bolívia*

Tornam a se encontrar,
a se intrometer na vida,
na paleta colorida
do tempo.

Vidas que se foram em sorrisos abertos,
em sonhos grandes e cortados,
em lutas fratricidas e inúteis,
trágicas e anunciadas
na madrugada fria.

Vidas outras que seguiram,
voaram pelo mundo
e triunfaram com novas luzes,
novos sonhos
sabores doces
e provaram espumas
de fantasias.

Mais vidas, passivas, suaves,
sem renunciar renunciando
com trabalhos não sonhados,
com outros sonhos
entremesclados pelos caminhos
misteriosos e esconsos
vulneráveis perante a solidão,
o cansaço,
a vertigem e os ruídos
repetidos.

Lembranças, vapor de móveis velhos
luzes do entardecer.

Setembro 2011

(*) Republicado por haver saído incompleto no nº 96 do JORNAL da ANE

# POEMA DE ANIVERSÁRIO N.º 13

*João Carlos Taveira*

Estou sempre falando sozinho,
mas não vejo inconveniência nisso.

Às vezes, caminhando só,
converso tranquilamente
com formigas, cães e pássaros.

E, além de poder trocar ideias
com minhas próprias convicções,
encontro-me disponível.

Mas não se enganem:
falar sozinho é prático
e também muito proveitoso.

Imerso neste mundo privado,
alheio a tudo e a todos,
posso decretar firmemente:

aqui não há possibilidade
de contestar os outros
nem de ofender ninguém.

Brasília, setembro de 2019.

# NÓS

*Teresinka Pereira*

*Nós que escrevemos no papel,*
*no computador, no guardanapo,*
*no recibo do mercado,*
*na beirada do jornal,*
*no prato ou nas árvores,*
*nós que falamos ao vento*
*com voz de poesia*
*e palavras de pedra,*
*somos incansáveis*
*transeuntes da noite,*
*nômades sem sono*
*loucos e defeituosos*
*bruxos descuidados.*
*Nós vamos sonhando*
*e seguimos acreditando*
*no poder do amor.*

# CORDILHEIRA DOS ANDES

*Arlete Sylvia*

Subir a Cordilheira é uma aventura,
uma aventura de muita coragem;
Por aqueles caminhos tão estreitos,
olhando em volta parece loucura.

Os carros que sobem não podem parar,
os motoristas têm que ser exímios.
E dar a vez pra quem está subindo,
sem controle da marcha, podem voltar.

Cordilheira dos Andes, que beleza!
É uma história difícil de contar,
descrever o que faz a natureza.

Belíssimos hotéis já construídos,
existem lá no alto da montanha.
Agradeço os momentos lá vividos.

# O PAPA QUE NÃO GOSTAVA DE DEUS

*Edmílson Caminha*

Eugênio Giovenardi é dos poucos brasileiros capazes de escrever um livro com a riqueza humana e a magnitude literária que põem *As pedras de Roma* (Porto Alegre : MaisQNada, 2009) entre os mais expressivos romances da nossa literatura, nos últimos tempos. Teólogo, filósofo e sociólogo, o autor detém profundo conhecimento da Igreja Católica, a que apela para contar a história impressionante de Giovanni de Medici, feito cardeal com 13 anos de idade, e que governou o Vaticano, como Papa Leão X, de 1513 a 1521, quando se suicida envenenado, aos 45 anos.

Tempo da maior importância na história da humanidade, nele se assistiu ao esplendor da Renascença, à Reforma de Lutero, ao surgimento das grandes nações da Europa, à consolidação de monarquias, à decadência do feudalismo, à perda do poder secular da Igreja, à descoberta de caminhos para o novo mundo ocidental. Matérias valiosas, que, na pena de historiadores acadêmicos, renderiam páginas burocráticas e enfadonhas. Ocorre que Giovenardi, além de grande pesquisador, é escritor admirável, que prima pela elegância do estilo, fluidez da narração e apuro da linguagem. Ideia relativamente comum a romancistas, o texto é de "segunda mão", pois veio a quem o publica, no caso, de um ex-diretor da Biblioteca Vaticana. São os "Rapporti confidenziali", lembranças, pensamentos e relatos de Leão X talvez anotados, e guardados, por um anão que lhe prestava serviços. Filho de Lourenço, o Magnífico, de quem viera o gosto das artes, das letras, das ciências, o herdeiro Giovanni cedo se descobre mais voltado para as pompas do mundo que para o despojamento do espírito:

> Quando concorro aos ritos, o faço como ator de teatro, com vestuário adequado, movimentando-me como um personagem no palco iluminado. (...) Cardeal adolescente, na pompa do cerimonial, vestido de seda escarlate, portava-me com a dignidade postiça exigida pelo ato litúrgico. Encenava uma peça que reunia o cômico, o trágico e o dramático num estrado suntuosamente decorado, sob os olhares ocultos das divindades e, ao mesmo tempo, dos espectadores encantados. Ainda me seduz a arte do religioso, a poesia do misticismo, embora dele não participe com o entusiasmo de um místico. Sou um homem da terra, não do Olimpo.

Prefere os prazeres intelectuais ao exame da teologia:

> A especulação teológica não me entusiasma. Aborrece-me gastar o tempo em ouvir discussões sobre teses que escarafuncham as entranhas da divindade. Deixo aos dominicanos e agostinianos a tarefa de provar a verdade da ressurreição de Cristo e sua reencarnação.

Não se ilude quanto aos possíveis méritos com que lhe é dado exercer o poder papal:

> Das virtudes que se exigem de um papa, nenhuma delas é mais eficaz do que a sorte. A esperteza política está em manter os efeitos da sorte a seu lado. A virtude do político é ser contraditório. As circunstâncias nos contradizem e nos traem. Aposto nos erros e fracassos alheios mais do que em minhas virtudes.

E chega a questionar, com um amigo poeta, o conhecimento que se possa ter do Criador: "Sinceramente, Bembo, quem conhece Deus? Quem sabe o que ele pensa? Deus não pensa. Pensar é humano. Pensar é desvendar o desconhecido. (...) Se Deus fala por mim não tenho certeza, é suficiente que os outros a tenham."

Sensível aos prazeres da carne, com a princesa Porzia Dupuy tem um filho, que fará cardeal, e entrega-se na cama a experiências homoeróticas com o cardeal Petrucci:

> Fâmulos e serviçais do palácio divertiam-se com as cenas de meus ciúmes, nutridos pelas leviandades de Petrucci. (...) Na festa da colheita das uvas, foi trazido ao castelo desfalecido e bêbado. Recusei-lhe o quarto, desprezei seu arrependimento, assinei um lacônico despacho e o mandei de volta a Roma.

A fazer contraponto com a grandeza de Sumo Pontífice, a fragilidade humana representada pela fístula anal que o atormenta ao longo da vida:

> O cardeal Petrucci me untava com unguentos de zinco e essências de sândalo. Tornei-me um peso e um estorvo para seus dias de repouso e suas vaidades. Por isso, aceitei de bom grado que os curativos me fossem feitos por jovens enfermeiros do nosocômio Santa Madalena.

Tão bem escrito é o romance que chegamos a crer na veracidade do diário, como se fora mesmo um documento histórico, por entre personagens como Erasmo de Roterdam, Rafael e Leonardo da Vinci. As reflexões são de tal maneira lúcidas – e surpreendentemente atuais – que lembram o Maquiavel d'*O Príncipe*, embora reduzido por Leão X a "funcionário ambíguo, humilde e calculista":

> O poder é o laço que une a cabeça do Vaticano ao corpo da Ecclesia. (...) Se um dia for subtraído ao Papa o poder de coroar reis e imperadores, sua autoridade será meramente decorativa. Sua voz será ouvida com respeito, repetida por reis, retransmitida por bispos e cardeais, sem ser obedecida.
>
> A política é a arte de enganar com prestidigitações do possível a obtenção do incerto.
>
> A cristandade precisa mais de poetas do que de padres.
>
> O espiritual e o sensual convivem. Separá-los é querer desunir o corpo da alma. Condenar a vida à morte.
>
> Se todos os cristãos fossem honestos e castos a Igreja de Roma seria pobre como os camponeses.
>
> Ao governar, percebe-se que não necessariamente se tem o poder.
>
> Nada que se diga diante de um copo de vinho, e, principalmente, depois dele, tem caráter sigiloso.
>
> Não há que temer pelo futuro. A história é feita de fatos.
>
> É preferível ter inimigos que acusam a amigos que silenciam.
>
> Equívoco imperdoável é estar no lugar errado com pessoas erradas.
>
> Os teólogos costumam envolver em complexas e belas frases o que não entendem.
>
> Não se chega a segredos de Estado sem uma alcova e lençóis limpos.
>
> Que pode haver de herético em alguma interpretação da Bíblia, ela mesma um amontoado de fatos contraditórios?

Os capítulos, elegantemente titulados em latim, são encimados por imagens reduzidas de quadros famosos, que em outra edição merecem, para que melhor apreciem os leitores, reproduções coloridas, em página inteira. É o cuidado devido ao romance com a excelência deste *As pedras de Roma*, cuja grandeza nos lembra o primoroso ensaio *Amor a Roma*, de Afonso Arinos de Melo Franco. Dois livros notáveis, belas homenagens à urbe amada por Goethe como a capital do mundo. Sobre as milenares pedras de Roma, Eugênio Giovenardi faz o Papa Leão X desfilar silencioso à frente do seu purpúreo préstito de cardeais, como símbolo de uma ilusória santidade e da triste pequenez a que todos somos reduzidos pela humana condição.

# DEMASIA

*Ronaldo Costa Fernandes*

Não sei onde está meu extremo.
Temo a demasia
que tudo preenche
e não deixa espaço à vida.
O amor não é um apêndice,
mas muitas vezes se pode extirpá-lo.
Quando chego perto de mim,
tenho medo do contágio,
posso ser virulento,
posso ser inofensivo.
Às vezes me evito,
deixo a dor em casa
e alugo uma dor no cinema.
A dor de existir,
órgão que não posso extirpar,
não dorme nem durante o sono.
E, mesmo dormindo,
me sonha que me vigia
e vigia para que eu sonhe
que, mesmo dormindo,
tenho a dor de viver desperta.